

Docência no ensino superior: *trabalho e formação no período da pandemia*

Ana Paula dos Santos Reinaldo Verde¹ 
Universidade Federal do Maranhão

Elcimar Simão Martins² 
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Resumo: O artigo trata sobre o trabalho e a formação de professores/as do curso de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) diante das tensões e contradições apresentadas pela realidade do ensino superior no período da pandemia. A metodologia da pesquisa funda-se na abordagem qualitativa crítica, tendo como base de análise o materialismo histórico dialético. O referencial teórico está assentado nas categorias trabalho e formação docente. O conjunto das análises revela que o trabalho e a formação são um tipo de trabalho que é afetado pelo tempo em detrimento da burocracia, o que reverbera em individualidade e competitividade que foi intensificada ainda mais no período da pandemia.

Palavras-chave: Ensino superior; Trabalho; Formação; Pandemia.

Teaching in higher education: work and training during the pandemic

Abstract: *The article deals with the work and training of History teachers at the Federal University of Maranhão (UFMA) in the face of the tensions and contradictions presented by the reality of higher education during the pandemic. The research methodology is based on a critical qualitative approach, with dialectical historical materialism as the basis for analysis. The theoretical framework is based on the categories of work and teacher training. The analysis as a whole reveals that work and training is a type of work that is affected by time to the detriment of bureaucracy, which reverberates in individuality and competitiveness that was intensified even more during the pandemic.*

Keywords: *Higher education; Work; Training; Pandemic.*

Docencia en la enseñanza superior: trabajo y formación durante la pandemia

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Professora Adjunta do Curso de Ciências Naturais -Biologia Campus Codó, MA.  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8138-7280>, e-mail: ana.psrri@ufma.br

² Doutor em Educação; Professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira em cursos de graduação e pós-graduação; coordenador institucional do PIBID; colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação (UECE); Líder do EDDocência.  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5858-5705>, e-mail: elcimar@unilab.edu.br

Resumen: *El artículo aborda el trabajo y la formación de los profesores de Historia de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA) frente a las tensiones y contradicciones presentadas por la realidad de la enseñanza superior durante la pandemia. La metodología de investigación se basa en un abordaje cualitativo crítico, analizado a partir del materialismo histórico dialéctico. El marco teórico se basa en las categorías de trabajo y formación docente. El conjunto de los análisis revela que el trabajo y la formación son un tipo de trabajo que se ve afectado por el tiempo en detrimento de la burocracia, lo que repercute en la individualidad y la competitividad que se intensificó aún más durante la pandemia.*

Palabras-clave: *Educación superior; Trabajo; Formación; Pandemia.*

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos do século XX e no início deste século, pesquisas sobre a formação do/a professor/a direcionada a sua prática vem sendo amplamente discutida nas instituições escolares e acadêmicas, visto ser um fenômeno essencial para a melhoria do ensino e aprendizagem dos estudantes. Vázquez (1997, p. 5) coloca que a práxis diferente da prática é uma “[...] categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação”.

Destarte, dificilmente há situações organizadas sistematicamente para a vivência de momentos formativos fundados na reflexão crítica e colaborativa sobre o trabalho docente no ensino superior.

Ser professor/a é um trabalho contraditório, conforme aponta Charlot (2015) que acontece e atravessa, que busca compreensão e afirmação, experiência e experimento, indecisão e decisão, objetividade e subjetividades, na individualidade e na coletividade, em uma ausência de respostas e repleta delas, de historicidades e a-historicidades, de imposições e transgressões.

O autor pondera que ser professor/a é fazer parte de um contexto específico com diversos níveis de complexidade, exigindo revisão e construção constantes de saberes, centrando seu saber ser e saber fazer numa prática reflexiva e investigativa do trabalho educativo, escolar e universitário no cotidiano pessoal e profissional que se entrecruzam com a dimensão pessoal do/a professor/a enquanto sujeito de uma dada realidade.

A pandemia da COVID-19 trouxe a introdução do chamado “ensino remoto” que foi sendo adotado no âmbito educacional brasileiro obrigando o trabalho docente tanto em nível básico quanto superior a adaptar-se às condições emergenciais de ensino, mesmo que tais condições acentuam as desigualdades sociais, antes existentes.

O trabalho do/a professor/a do ensino superior nesse período de pandemia intensificou-se e as atividades direcionadas ao ensino passaram para a ordem remota sem condições estruturais no qual o papel do Estado tornou-se mais acentuado exigindo resultados e diminuindo suas responsabilidades, quando o/a professor/a passou a financiar os instrumentos necessários à sua função docente, trabalhando home office.

O trabalho docente no ensino superior requer aproximações com três elementos constituintes: o ensino (trabalho de sala de aula com os alunos do ensino superior), a pesquisa (que leva à produção do conhecimento) e a extensão (que são ações orientadas para aproximações com a sociedade).

Entre esses emaranhados de tarefas, vivências e interações compartilhadas, o ser professor/a não pode estar desvinculado do eu pessoal e do eu profissional (NÓVOA, 1995), pois somos o somatório das condições de trabalho, das exigências institucionais, das políticas educacionais e das nossas experiências pessoais que vão construindo-nos e/ou desconstruindo enquanto somos formados/as ou formamos professores/as.

A reforma imposta pelo Consenso de Washington (1989) – uma agenda globalmente estruturada que objetivou manter o Estado diante do sistema capitalista de forma mínima para as ações sociais propondo uma administração gerencial, que racionaliza os gastos públicos como, por exemplo, para administrar os/as professores/as exigindo competência científica diante da prática docente.

Para Pimenta e Anastasiou (2001), os/as professores/as universitários/as têm-se colocado distantes desse debate, continuando a identificarem-se como profissionais de seus campos específicos, mesmo quando a sua atividade principal é o ensino. Tal premissa, assevera Cunha (2009), revela-se no desprestígio da docência e na ausência de conhecimentos profissionais para o seu exercício, concorrendo para a fragilização e a precarização da sua condição como profissional da educação superior.

Os/as professores/as são orientados pela qualidade/excelência, do ensino superior sendo averiguada por um sistema nacional de políticas institucionalizadas, que se pauta nas práticas do fazer do/a professor/a de nível superior por meio da pesquisa e da produção do conhecimento, gestão acadêmica e trabalho docente.

A docência não se resume apenas em ministrar aulas, visto que nesses compromissos profissionais estão envolvidos conhecimentos, habilidades e expectativas que por vezes convergem e divergem de práticas cotidianas e da cultura institucional (D'ÁVILA, 2007).

Realizar estudos sobre a formação do/a professor/a universitário/a também é relevante em virtude da chamada explosão desordenada de matrículas no ensino superior. Confirmando essa realidade, Morosini (2006, p. 12) assinala que as pesquisas sobre a

docência universitária “têm-se tornado mais urgentes frente à pressão do processo de massificação”.

Partimos da seguinte problemática: como ocorreu o trabalho de professores/as do curso de História da Universidade Federal do Maranhão durante o período da pandemia?

O objetivo do artigo é apresentar como ocorreu o trabalho e a formação de professores/as do curso de História da Universidade Federal do Maranhão durante o período da pandemia.

A investigação foi de cunho qualitativo, pois as pesquisas qualitativas podem ser fundamentadas nos pressupostos teóricos da Teoria Crítica que possibilitam o fortalecimento de posturas críticas diante da sociedade de classes marcada pela desigualdade social. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa crítica não busca somente descrever a realidade social, ela tem, também, por projeto, a sua transformação e a sua conscientização.

O diferencial deste trabalho consubstancia-se na propositiva da multirreferencialidade interdisciplinar teórica e metodológica, de relacionar teoricamente dois campos epistemológicos, na área da Educação e da História, e, metodologicamente, avançar na análise de pesquisa, trazendo subjetividades e o seu relacionamento com as tensões e contradições que envolvem a realidade concreta, especificamente diante da realidade do ensino superior e sua repercussão na formação e no trabalho do/a professor/a da educação superior.

Apresentamos neste artigo um recorte da entrevista do professor(a) de História da Universidade Federal do Maranhão Beija Flor e Bem Te Vi (codinome). A partir de excertos refletimos e dialogamos sobre o trabalho do/a professor/a do ensino superior do curso de História da UFMA diante das contradições apresentadas pela realidade do ensino superior no período da pandemia.

2 METODOLOGIA

Desde o século XX, os investigadores sociais ligados à “Escola de Chicago” (1920-1930) defenderam a importância da pesquisa qualitativa para os estudos sobre a vida de grupos humanos.

Para Denzin e Lincoln (2010) qualquer definição de pesquisa qualitativa deve atuar dentro do complexo campo histórico, uma vez que assume significados diferentes em cada contexto, mas genericamente os autores definem a pesquisa qualitativa como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo, consistindo em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.

Os autores citados destacam que a pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, por vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas, por serem muitas coisas ao mesmo tempo, tendo foco multiparadigmático, ou seja, com múltiplos métodos, sem perder de vista as posturas políticas e éticas, envolvendo tensões e contradições constantes, podendo ser resumida como um terreno de múltiplas práticas interpretativas.

Utilizamos a História Oral Temática, segundo Meihy (2002) parte de um assunto específico, de uma narrativa de um entrevistado sobre um evento definido, preestabelecido sendo os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais, aspectos importantes à medida que revelam aspectos vinculados à temática central que partem de temáticas específicas e preestabelecidas, objetivando-se do entrevistado detalhes do trabalho a partir da dimensão experiencial do narrador e que possam adquirir importância se vinculados às temáticas abordadas.

A História Oral possibilita a constituição da memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido e a memória quando concretizada por meio das narrativas pode ser considerada como um instrumento que possibilita ao pesquisador compreender a essência da experiência humana e podendo possibilitar ao sujeito professor/a, implicado na pesquisa, a reflexão sobre si.

A escolha pela entrevista-narrativa deu-se por esse instrumento de pesquisa ser convergente ao método da História Oral, tendo característica não estruturada, de profundidade e que tem suas especificidades em permitir a liberdade do participante da pesquisa em narrar os acontecimentos.

A pesquisa com as experiências de formação e trabalho docente implica um trabalho com “narratividades” de sujeitos que carregam memórias sobre experiências provenientes de sua subjetividade e relação com uma realidade objetiva, respondendo ao movimento crítico-

dialético de formação que se efetiva na dinâmica da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade.

Nesta investigação, fizemos uso de nomes de passarinhos, que foram sendo identificados ao longo das narrativas individuais, a fim de assegurar a preservação da intimidade e a individualidade dos sujeitos, garantindo o sigilo dos participantes. Assim, os codinomes utilizados aqui foram: Beija-Flor e Bem-te-vi.

O professor Beija-Flor tem entre 50 e 60 anos, é graduado em Licenciatura em História e toda a sua Pós-Graduação na área de História, experiência na educação básica e exercem o magistério superior há 30 anos na UFMA. A professora Bem-te-vi tem mais de 70 anos, é graduada em História e sua Pós-Graduação na área de História e Educação. Tem experiência na educação básica e exerce o magistério superior há 30 anos, na UFMA.

Decidimos identificar os/as professores/as entrevistados/as com codinomes de pássaros, pois segundo Carvalho e Machado (2014, p. 211) as questões éticas envolvem.

a integridade na Pesquisa diz respeito à conduta do pesquisador no tratamento dos dados e na publicação da pesquisa. [...] Embora estes aspectos denominados de integridade na pesquisa digam respeito ao campo da ética, como horizonte norteador da conduta moral desejável do pesquisador científico, o que se convencionou chamar de Ética na Pesquisa abrange especificamente os procedimentos de proteção aos participantes de pesquisa diante dos riscos das pesquisas envolvendo seres humanos.

Portanto, é esse contexto de trabalho e de formação que tentamos compreender o ser professor/a em formação, construído entre tantas idas e vindas, portarias e leis específicas da formação docente, pelas quais foram passando na sua trajetória docente de formadores de professores/as e que nos possibilitaram compreender as condições de trabalho e formação pelas quais passaram no período da pandemia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico destacamos o contexto contemporâneo neoliberal e as imposições versadas pelos textos da legislação brasileira que têm destacado o pragmatismo e a racionalidade técnica no campo do trabalho principalmente no período da pandemia.

Tal prática reverbera a dimensão imediata da realidade que é historicamente determinada e unilateral, daí compreendermos a mudança intencional dos saberes docentes para as competências técnicas baseada na divisão do trabalho e da sociedade e, sobretudo, no senso comum colocando o homem em condições de orientar-se de maneira familiar, cotidianamente, não proporcionando o concreto em sua essência, mais sim numa pseudoconcreticidade (aparência).

Nessa perspectiva, o/a professor/a vê suas ações cada vez mais suprimidas e incorporadas às exigências de eficiência e eficácia, o que conseqüentemente gera a alienação de instrumentos indispensáveis à sua práxis (PIMENTA, 2012), reverberando na manipulação e condução da dimensão subjetiva (experencial) do ser humano que é alienada pelas políticas educacionais neoliberais cuja prioridade é o capital.

Conforme o excerto abaixo da professora Bem-te-vi,

E aí por uma experiência de gestão que eu já havia adquirido, de construção de projeto pedagógico, de uma série de coisas eu fui abrindo um leque e de possibilidades e fui descobrindo que era uma pessoa de muitas tarefas, que eu era capaz de dar conta de muitas coisa ao mesmo tempo, por necessidade e também por opção e eu fui aprendendo a ser professora de sala de aula, ser orientadora de projeto, porque, houve um momento anterior a esse que eu também coordenei um dos primeiros projetos tudo isso foi agregando conhecimento e eu fui percebendo que aos poucos seja pela minha necessidade seja pelo próprio sistema capitalista eu fui atendendo as exigências que a própria universidade nos impõe de trabalhar com ensino, com pesquisa, com extensão, com gestão e com o que mais possa aparecer, com pós-graduação. É claro que nesse momento aí não existia ainda o tal do PID que hoje nós temos que preencher com a nossa carga horária que é só 8 horas de ensino, o resto tem que ser preenchido com atividade de extensão de pesquisa de gestão, de pós graduação e por lá vai, mas assim, por necessidade financeira e por imposição do próprio sistema eu fui ingressando né fui entrando nessa engrenagem né que é a instituição acadêmica de ensino e fui aprendendo a viver dentro desse labirinto. (Trecho da Entrevista de Bem-te-vi).

A professora Bem-te-vi narra que quando cursou a pós-graduação - na época, não existia o Plano Individual Docente (PID) e que hoje tem - por necessidade financeira e por imposição do próprio sistema, foi entrando nessa engrenagem da instituição acadêmica de ensino.

O excerto abaixo do professor Beija-Flor reflete essas condições de trabalho do/a professor/a do ensino superior.

Na pós-graduação tem gente assim, alguns eu acho que eles não entendem muito tempo o que é a pós-graduação e até supõe que você tem um adicional no seu salário, não! O salário é o mesmo, o que muda é que você tem mais trabalho, e a pós demanda né? Porque você pesquisa... Eu não tenho como falar de extensão porque não é uma das ações nas quais eu me envolvo, eu me envolvo no ensino e na pesquisa, a extensão eu não falo. Mas, os meus colegas que estão envolvidos com a extensão, muito provavelmente também poderão dizer isso assim. Tem um momento da... Do trabalho, a gente é pago por oito horas, mas nós professores nós trabalhamos mais que oito horas por dia, né?! É... Lá para controle de gestão do superior deu o programa individual docente, se a gente fosse colocar lá nesse bite nós trabalharíamos oitenta horas, né?! Chegaríamos a oitenta horas por semana (tosse) por que? Porque são muitas atividades, da pós-graduação ensino e pesquisa, na graduação também ensino e pesquisa, porque tem a iniciação científica, agora é claro, nem todos os professores fazem isso né, tem professor que não gosta, que gosta só de dar aula, com isso não estou querendo dizer que ele trabalhe menos (Trecho da Entrevista de Beija-Flor).

Desde os anos 1980, os salários dos/as professores/as da educação superior foram sendo corroídos por uma inflação real e que nunca esses salários tiveram aumentos percentuais reais até os dias atuais e, como consequência, tivemos/temos no âmbito da educação superior, aposentadorias precoces, abandono de emprego e o que é pior, o Estado controlador continua criando situações esdrúxulas, tais como os programas de formação de professores/as que atuam na educação básica sem a devida licenciatura exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9394/1996.

Tal demanda de ensino superior vem criando desde os anos 1990 o que denominamos de educação continuada em serviço com a presença dos/as professores/as nas salas de aula nos finais de semana, num círculo vicioso de uma pseudoformação acelerada dos quadros docentes da educação básica, que supostamente melhoraria os índices educacionais desse nível de ensino e possibilitar uma renda extra aos/às professores/as que estão seriamente sucateados em seus proventos acadêmicos. Uma “ilusória” complementação salarial, levando os profissionais da educação superior a trabalharem nos finais de semana para ganhar horas-aula em substituição ao aumento salarial real.

Temos vivenciado nos últimos anos do século XX e o início do século XXI o avanço das políticas neoliberais caracterizadas pela lógica do capitalismo excludente, ou seja, que não tem a pretensão de incluir os sujeitos que trabalham no ensino superior, nas universidades públicas ou os que pretendem nela ingressar, visto que as universidades públicas têm sido ano após ano massacradas pelo desmonte de sua estrutura interna, bem como pela

diminuição da oferta de vagas para o ingresso no magistério superior por meio de concurso público e pela inexistência de políticas salariais dignas, aumentando cada vez mais a lógica do produtivismo acadêmico, com vistas ao surgimento de um novo tipo de trabalhador demandado pelo capital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprendemos o estudo sobre o trabalho docente superior como meio e categoria fundante de sociabilidade humana, como atividade dialética transformadora, superando e insurgindo radicalmente sobre sua condição dada e (im)posta verticalmente pela sociedade do capital, que foi acentuado no período da pandemia.

Abaixo, delineamos alguns achados desta investigação diante do trabalho de professores/as investigados/as do curso de História da UFMA a partir das contradições apresentadas pela realidade do ensino superior no período da pandemia, podemos citar entre os limites: a prática do/a professor/a do ensino superior depende das condições do seu espaço de trabalho e das coordenadas político-administrativas que regulam o sistema de ensino; a universidade é compelida a uma ação essencialmente instrumental, determinada pela lógica da competitividade, eficácia e produtividade, próprias da empresa capitalista; a docência é um tipo de trabalho que é afetado pelo tempo que tem que dar conta da tríade ensino, pesquisa e extensão em benefício da burocracia e da ausência em atividades de grupo, o que reverbera em individualidade e competitividade que foi intensificada ainda mais no período da pandemia.

As possibilidades oriundas desse nosso olhar de fora para dentro do ambiente investigado podem ser destacadas como: envolvimento em situações formais de aprendizagem são oportunidades para traduzir-se e traduzir as modelagens oriundas do mercado educacional; pesquisar sua própria prática de forma coletiva com os pares, possibilitando mudanças nas práticas; aproximação da docência com as experiências vividas no contexto social e escolar; ser ator/atriz e investigador/a da sua própria história de vida; compreensão sobre sua formação inicial e continuada e sobre os limites impostos pelo trabalho dependente das condições estruturais e infra estruturais nas quais está assentado e,

para a qual, a autonomia do professor/a em relação ao desenvolvimento de suas práticas é determinante na práxis.

A pesquisa proporcionou aos/às professores/as a oportunidade de refletirem sobre suas práticas e os limites impostos pelas tensões e contradições da realidade do ensino superior, como as exigências de produção científica, a formação, o ensino, a pesquisa e a gestão, que demandam dos/as professores/as conhecimentos e saberes que foram constituindo-se ao longo de sua formação enquanto pessoa e professor/a. Esse arcabouço corrobora para reflexões e novos olhares para os processos vividos na/para a realidade, dando sentido a sua formação docente, possibilitando novas formas de compreender e de materializar a formação e o seu trabalho.

Diante do exposto, concluímos que as análises e discussões sobre o trabalho de docentes universitários da UFMA no período de pandemia, reverberou na intensificação da individualidade, competitividade e intensificação do trabalho diante de novas habilidades para o processo de ensino e aprendizagem em ambiente virtual, deslocando as responsabilidades do plano institucional para o plano individual.

Referências

APPLE, Michael Whitman. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2015.

D'ÁVILA, Cristina. **Educação e ludicidade: ensaios**. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Educação, 2007.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-41.

MARX, Karl. **O capital**. v. 1, t. 1. São Paulo: Abril Cultural, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Vitória, 1984.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MESQUITA, Elza da Conceição. **Competências do professor**: representações sobre a formação e a profissão. Lisboa: Edições Sílabo, 2011.

MOROSINI, Marília Costa. Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: MOROSINI, Marília Costa (org.). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: INEP, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Recebido em: 20 de outubro de 2023.

Aceito em: 3 de novembro de 2023.

Publicado online em: 17 de novembro de 2023.